

rebeca



Revista Brasileira
de Estudos de
Cinema
e Audiovisual

e1033

Resenha – Temáticas Livres

**Um festival e a cidade: uma investigação sobre o Festival
Cinematográfico do Distrito Federal**

**Un festival y la ciudad:
una investigación sobre el Festival de Cine del Distrito Federal**

**A festival and the city:
an investigation into the Federal District Film Festival**

Igor Lemos Moreira¹

Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-6353-7540>



PINTO, Carlos Eduardo Pinto de.; MAGER, Juliana Muyaert. *A capitalidade em disputa: o Festival Cinematográfico do Distrito Federal e outros festivais no Brasil dos anos 1950*. São Paulo: Letra e Voz, 2022.





Resumo: Criado pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro em 1951, durante o governo do prefeito João Carlos Vital, o Festival Cinematográfico do Distrito Federal tinha entre seus objetivos iniciais incentivar a indústria audiovisual carioca e estimular a atividade turística da cidade, de modo a contribuir para difundir a sua imagem para o restante do país e do mundo. Com sua organização atribuída ao Departamento de Turismo do Distrito Federal, o projeto teve uma vida breve, não chegando a somar dez anos de existência. Apesar da trajetória curta, o Festival ocupou um espaço fundamental para a construção das políticas culturais cariocas no seu contexto, sendo esse o estudo de caso de *A capitalidade em disputa: o Festival Cinematográfico do Distrito Federal e outros festivais no Brasil dos anos 1950*. A obra procura, em primeiro plano, historicizar e problematizar o Festival enquanto um projeto marcado por intenções e perspectivas políticas, bem como de debate sobre os próprios gêneros audiovisuais do período, como as Chanchadas. Em um segundo plano, Pinto e Mager apresentam um estudo provocativo e singular, de caráter monográfico, que estimula reflexões sobre as operações teóricas e metodológicas do estudo de festivais na historiografia.

Palavras-chave: Festivais de cinema; Rio de Janeiro; Narrativa audiovisual; Representação.

Resumen: Creado por el Ayuntamiento de Rio de Janeiro en 1951, durante el gobierno del alcalde João Carlos Vital, el Festival Cinematográfico del Distrito Federal tenía entre sus objetivos iniciales incentivar la industria audiovisual de Rio y estimular la actividad turística de la ciudad, con el fin de contribuir a la difusión de su imagen, al resto del país y del mundo. Con su organización atribuida a la Secretaría de Turismo del Distrito Federal, el proyecto tuvo una vida breve, no llegando a los diez años de existencia. A pesar de su corta trayectoria, el Festival ocupó un espacio fundamental en la construcción de las políticas culturales de Rio en su contexto, siendo este el caso de estudio de *Capitalidad en disputa: el festival cinematográfico del Distrito Federal y otros festivales en Brasil en los años 1950*. La obra busca, en primer plano, historizar y problematizar el Festival como un proyecto marcado por intenciones y perspectivas políticas, así como el debate sobre los géneros audiovisuales de la época, como Chanchadas. En un segundo nivel, Pinto y Mager presentan un estudio provocativo y singular, de carácter monográfico, que estimula reflexiones sobre el funcionamiento teórico y metodológico del estudio de las fiestas en historiografía.

Palabras clave: Festivales de cine; Rio de Janeiro; Narrativa audiovisual; Representación.

Abstract: Created by the Municipal Chamber of Rio de Janeiro in 1951, during the government of Mayor João Carlos Vital, the Cinematographic Festival of the Federal District has among its initial objects incentivize the Rio audiovisual industry and stimulate tourist activity in the city, in order to contribute to disseminate to his image for the rest of the country and the world. With its organization attributed to the Department of Tourism of the Federal District, the project has a short life, not just over ten years of existence. Despite its short trajectory, the Festival occupies a fundamental space for the construction of Rio's cultural policies in its context, this being the case study of *Capitality in dispute: the film festival of the Federal District and other festivals in Brazil in 1950*. The work seeks, in the foreground, to historicize and problematize the Festival as a project marked by political intentions and perspectives, as well as debate on the period's own audiovisual genres, such as Chanchadas. In the background, Pinto e Mager presents a provocative and singular study, of a monographic nature, that stimulates reflections on the theoretical and methodological operations of the study of festivals in historiography.

Keywords: Filmfestivals; Rio de Janeiro; Audiovisual narrative; Representation.

Publicado pela editora Letra e Voz, em 2022, *A capitalidade em disputa: o Festival Cinematográfico do Distrito Federal e outros festivais no Brasil dos anos 1950*, integra a série *Estudos em Cultura Visual*, dirigida por Ana Maria Mauad. Escrita por Carlos Eduardo Pinto de Pinto e Juliana Muylaert Mager, a obra é resultado de pesquisa desenvolvida a quatro mãos, inserida em uma frente de investigações sobre a História

do Cinema e da Cultura Visual em plena expansão: os festivais audiovisuais enquanto espaços centrais de circulação, projeção e consolidação de campos artísticos e das indústrias culturais. Tal proposta é, em especial, um dos pontos de congruência entre autor e autora. Carlos Eduardo Pinto de Pinto, docente da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), é um pesquisador consolidado no campo da História do Cinema, dedicando-se em particular às relações entre a linguagem audiovisual, os discursos sobre a modernidade, e as cidades. Juliana Muylaert Mager, pós-doutoranda no Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (UFF), tem se dedicado à investigação sobre os festivais cinematográficos e a construção de narrativas públicas sobre a história.

O encontro entre os dois autores é, no mínimo, interessante para debater as possíveis conexões políticas entre as indústrias audiovisuais e o Estado na década de 1950. Como fontes de análise, a obra se volta particularmente a publicações da imprensa do período, cruzando-as com outros conjuntos documentais como peças audiovisuais, elementos da cultura visual (fotografias, pôsteres, *press releases*) e legislações do período.

Dividido em três capítulos, *A capitalidade em disputa* apresenta uma narrativa que transita entre o ensaio e o estudo monográfico, resultando em um texto envolvente para o público em geral, mas robusto e provocativo ao especializado. O primeiro capítulo elabora uma radiografia do *festival cinematográfico do Distrito Federal* enquanto uma política cultural voltada à construção de uma narrativa turística e idílica do Rio de Janeiro. A investigação se envereda em compreender o festival enquanto um projeto que envolveu a Câmara Municipal do Rio de Janeiro e o Departamento de Turismo do Distrito Federal em diálogo com diferentes instituições da elite política, letrada e cultural do período, a exemplo da Academia Brasileira de Letras.

Examinando a atuação de vereadores e de departamentos do governo, Pinto e Mager defendem que o *Festival Cinematográfico do Distrito Federal* teve uma dupla missão que sobreviveu às críticas e adaptabilidades anuais: a promoção de uma representação turística sobre o Rio de Janeiro e a movimentação da cidade durante as cerimônias. Apesar de sua duração ter sido menor que outros projetos semelhantes, o Festival esteve no centro da produção de uma cultura política e da construção de mediações culturais de setores políticos por meio da arte no Rio de Janeiro. Por isso, como indicam os autores, houve um debate intenso acerca das exigências sobre a produção ser desenvolvida em estúdios localizados na cidade ou não, sobre conter ou não uma porcentagem definida de cenas retratando a cidade, entre outras formas de



demarcar que se tratava de uma iniciativa de promoção turística.

O primeiro capítulo da obra se destaca por apresentar duas problematizações fundamentais para a construção da tese defendida pelos autores. A primeira é a potencialidade do humor e das Chanchadas enquanto formas de mobilização política. A segunda refere-se à atuação da imprensa não enquanto mera publicitária do Festival, mas como espaço de disputas e críticas ao Festival (mesmo que nem sempre aprofundadas, como os autores registram).

Enquanto o primeiro capítulo pretende ser uma investigação mais exploratória da estrutura e trajetória do Festival, o capítulo dois analisa as construções de representações sobre o Rio de Janeiro a partir das produções que circularam no evento. Recorrendo ao conceito de *geografia imaginativa*, a partir de Edward Said¹, Pinto e Mager afirmam que a linguagem audiovisual atua diretamente no universo de discursos representativos de modo a contribuir para a construção de visões e imaginários sobre a vida carioca. Deste modo, os autores procuram problematizar tanto as produções em si, com ênfase nas chanchadas e nos curtas documentários, como também analisam a cobertura da imprensa do período e os debates que perpassaram os meios de comunicação.

O segundo capítulo inicia discutindo os lugares de realização do Festival, bem como a forma como este construía programações de maneira a ocupar outros espaços, como o concurso de Miss Cinelândia. Somente após analisar e compreender a importância da relação entre o Festival e seus espaços de realização é que a obra passa a analisar as produções que concorrem nas categorias de “Melhor filme” e “Melhor curta”, pois eram as únicas que tinham em suas fichas de avaliação a ligação entre a cidade e o turismo. Esse recorte dos autores parte da tese que

[...] embora todos os prêmios fossem concedidos a filmes obrigatoriamente produzidos no Rio, somente esses eram avaliados como agentes de representação do imaginário da cidade, apresentando apelo turístico ou propondo uma discussão sobre problemas urbanos, com ‘espírito

¹ Apesar de dialogarem com outros autores, o conceito de *geografia imaginativa* mobilizado pelos autores baseou-se, em especial, nos estudos de Edward Said e na afirmação que “a geografia imaginativa [...] legitima um vocabulário, um universo de discurso representativo” (Said *apud* Pinto; Mager, 2022, p. 64). Vale ressaltar ainda que, apesar de dialogarem com o autor, Pinto e Mager também baseiam-se nos estudos de figuras como Schwartz & Ryan, mas especialmente buscam construir tal noção a partir da análise das próprias fontes, de modo a dar sentido, vivacidade e potencialidade ao conceito empregado.

construtivo' (Pinto; Mager, 2022, p. 75).

Dentro do recorte proposto, os autores defendem que as produções premiadas (e muitas concorrentes) estavam a serviço de propósitos distintos, que iam da satirização sobre a periferização da sociedade carioca à promoção de uma visão cosmopolita do Rio de Janeiro. No entanto, Pinto e Mager defendem, ao analisarem casos como a chanchada *O petróleo é nosso* (Watson Macedo, 1954), que a representação elaborada, por vezes, visava o moderno em meio à submissão a uma monumentalização da natureza, representada pelos mares e o Pão de Açúcar. Já no caso dos curtas-metragens, Pinto e Mager ressaltam a dimensão educativa das produções, inclusive dentro de políticas culturais que remontavam ao governo Vargas, quando foi publicado o decreto 21.240/1932 que previa a exibição de curtas antes de cada sessão de cinema. Sobre os curtas-metragens, os autores notam a centralidade da produtora de Jean Manzon, figura de referência para o fotojornalismo do período.

O terceiro capítulo apresenta uma proposta interessante para a estrutura narrativa para o livro. Geralmente, em casos de obras monográficas, é recorrente a ideia de utilizar-se de um contexto mais amplo e, somente depois da “contextualização”, introduzir o estudo de caso. No entanto, Pinto e Mager subvertem essa proposta ao iniciar com o estudo de caso sobre o Festival Internacional do Cinema e apresentar como último tópico do volume o debate a respeito dos festivais de filmes no Brasil durante a década de 1950 juntamente com um balanço sobre a trajetória dos Festivais de Cinema internacional e nacionalmente, demonstrando possibilidades inovadoras de estudo e frentes de investigação em aberto.

O principal ponto do capítulo é demonstrar as conexões e os tensionamentos que envolviam a criação de festivais no Brasil e no mundo (iniciativas essas que foram paralelas, como os autores destacam), em particular quando estes visavam ser mais que mostras audiovisuais, colocando-se enquanto premiações. Pinto e Mager, desta forma, demonstram as disputas existentes no campo do audiovisual que costumava não reconhecer a América Latina como um espaço possível para a realização de concursos e premiações, pressionando as iniciativas locais a serem locais de circulação e produção. Foi justamente na década de 1950 que o cinema nacional se lançou a iniciativas que contestavam essa narrativa, criando o *Festival Internacional de Cinema do Brasil*, além de uma série de outras iniciativas, entre as quais o *Festival Cinematográfico do Distrito Federal*.

Em meio ao balanço sobre a trajetória dos festivais nos anos 1950 é que os



autores ressaltam a principal dificuldade de se analisar – enquanto tema, objeto ou problema – os festivais audiovisuais: a sua efemeridade. Retomando uma colocação do início da obra, Pinto e Mager ressaltam que a efemeridade e não continuidade de muitas das iniciativas daquele contexto no presente, ou mesmo durante a própria década, são um obstáculo que demanda um exercício de análise multifacetada sobre essas iniciativas. Nesse processo, um ponto se apresenta: a heterogeneidade dos projetos. Segundo os autores, diferentes formas de compreensão, estrutura e projetos implicam em análises que demandam a comparação e o reconhecimento da singularidade, percebendo no termo “festival” uma espécie de categoria de chancela a um projeto que é social, cultural e político.

Mesmo não sendo temas inéditos na historiografia, é notável que os festivais audiovisuais têm apresentado um campo crescente e fértil de análises, em particular entre pesquisadores/as interessados pelas relações entre arte e política, bem como por uma história do cinema para além das narrativas audiovisuais (De Valck, 2007). Tal interesse não se encontra tão evidente em obras recorrentemente citadas na historiografia das relações entre história e audiovisual mobilizadas no Brasil que se atentaram, em particular, a construir um arcabouço de problemáticas e caminhos para a análise do audiovisual na pesquisa historiográfica. Obras como a Mager e Pinto reconhecem a importância dessa proposta e a mobilizam, mas vão além reconhecendo o audiovisual enquanto uma obra aberta que encontra seu sentido mais amplo no meio social e política de circulação (Villaça, 2010) pelo qual a produção cinematográfica é produzida, significada e constrói narrativas sobre o tempo.

Apesar de reconhecer o papel central dos festivais de cinema para práticas transnacionais, como defende Stevens (2018), *A capitalidade em disputa* [...], apresenta uma abordagem interessante para pensar a relação entre espaço imaginado, política e construção de narrativas fílmicas por meio da ação de agentes que constituem diferentes campos sociais e políticos. Neste sentido, Pinto e Mager parecem concordar com Vallejo e Vallejo (2014) ao considerar que tais festivais são espaços privilegiados para reimaginar o tempo vivido, ressignificar o passado nacional, e projetar futuros possíveis. A partir deste diálogo é importante compreender que a obra apresenta um estudo certamente importante para preencher uma lacuna historiográfica sobre o *Festival Cinematográfico do Distrito Federal*, mas possui um potencial muito maior de contribuição quando se observa a dimensão teórico-metodológica envolvida.



Referências

DOURADO, Ana Karícia Machado. **Chanchada**: performance do insólito e paradoxo do comediante. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

DE VALCK, Marijke. **Film festivals from european geopolitics to global cinephilia**. Amsterdã: Amsterdam University Press, 2007.

O PETRÓLEO é nosso. Direção: Watson Macedo. Brasil, 1954. 95 min., sonoro, preto e branco.

STEVENS, Kirsten. Across and in-between: Transcending disciplinary borders in film festival studies, **Fusion Journal**, Granada, n. 14, 2018, pp. 46-59. Disponível em: Disponível em: <http://www.fusion-journal.com/across-and-in-between-transcending-disciplinary-borders-in-film-festival-studies/>. Acesso em: 16 dez. 2024.

VALLEJO VALLEJO, Aida. Festivales cinematográficos: en el punto de mira de la historiografía fílmica, **Secuencias**, Madri, n. 39, p. 13-42, primeiro semestre de 2014. Disponível em: <https://revistas.uam.es/secuencias/article/view/5838>. Acesso em: 16 dez. 2024.

VILLAÇA, Mariana. **Cinema Cubano**. São Paulo: Alameda, 2010.

¹ Igor Lemos Moreira

Realiza pós-doutorado no Instituto das Cidades da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

E-mail: igorlemoreira@gmail.com